



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

NÚBIA MARIA CALAZANS GUIMARÃES CASAIS

O MÉTODO AMOR, ALEGRIA E ARTE:
CRIANDO UMA LINDA AMIZADE COM O DEUS QUE BRINCA
IDAS E VINDAS DO FAZER PEDAGÓGICO NAS PRÁTICAS PASTORAIS

SALVADOR – BA
2018

NÚBIA MARIA CALAZANS GUIMARÃES CASAIS

**O MÉTODO AMOR, ALEGRIA E ARTE:
CRIANDO UMA LINDA AMIZADE COM O DEUS QUE BRINCA
IDAS E VINDAS DO FAZER PEDAGÓGICO NAS PRÁTICAS PASTORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Educação Jesuítica:
Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da
Universidade do vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Paulo Henrique Cavalcanti

**SALVADOR – BA
2018**

Num colégio em mutirão, feito em rede de cada um. Sonhos de educação, em um projeto comum: Fazer gente competente para crescer consciente e viver em compaixão... Comprometidos sem medida, começando nova vida, trilhando renovação. Pra educar em diálogo e construir mundo de paz, todo um processo de escuta, participar e bem mais...Pessoas que formam laços, mãos ao encontro de braços, uma ciranda de irmãos. O ser humano é partida, começando nova vida, trilhando a renovação... Com ensino de excelência e tradição é herança, tecnologia de ponta leva o sujeito em mudança... O futuro está bem perto e o presente se faz certo. Nas luzes dessa razão. Essa gestão é parida, começando nova vida, trilhando a renovação... Com respeito ao ambiente, pois o mundo é nossa casa. Gente cuidada, fecunda vira estrela e cria asa... Educar família e igreja, pra feito céu ela seja. Horizonte em construção, integrar é a saída, começando nova vida, trilhando a renovação...Todos são educadores e encarnam essa missão, cada um é importante, tem lugar e tem função...Escola que tem partido e num mundo dividido sem medo faz opção: rumo à terra prometida, começando nova vida, trilhando a renovação...Escola que dá sabor, de gente que não se cansa. Onde se semeia o amor, onde floresce esperança, onde amadurece a fé e se rega a justiça no pé, cultiva o serviço em bordão. Toda semente é querida, começando nova vida, trilhando a renovação...

William Tavares

RESUMO

“A gente precisa aprender a se encantar com a vida. Borrifar perfume nos pulsos e agradar o nosso paladar. Descobrir aquilo que alimenta a alma e faz o olho brilhar. Investir tempo e energia em música, dança e poesia. Conseguir extrair beleza da simplicidade e aprender a rir de qualquer bobagem. Apostar naquilo que nos faz sorrir silenciosamente, no que nos traz alívio e conforto, no que nos anima instantaneamente. Exercitar o deslumbramento e a capacidade de nos deixar cativar.”

Fabiola Simões

A minha proposta de trabalho é a apresentação de um método desenvolvido para incrementar as práticas pastorais, compreendendo os apelos de uma educação de excelência, referentes às inovações, à redefinição e à ressignificação do fazer pedagógico. A ideia de possibilitar aos educandos um momento de encantamento surgiu a partir dos encontros com as turmas do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental e com os grupos de catequese para 1ª Eucaristia, em 2015, no Colégio Antônio Vieira, da Rede Jesuíta de Educação. O método Amor, alegria e arte propõe um itinerário com ênfase na dimensão espiritual, através da afetividade, da ludicidade e do imagético. Procuo também apreciar e valorar o processo de conhecer, de aprender e de experienciar das crianças que vêm com suas demandas, suas descobertas e seus saberes acerca das coisas de Deus e das coisas do homem e da mulher. Acolho e aproveito o protagonismo, apontando rotas para uma formação integral da pessoa.

Palavras-chave: Amor, Alegria, Arte

ABSTRACT

We need to learn how to be enchanted by life. To spray perfume on the wrist and please our taste buds. To find what fuels our souls and makes our eyes shine. To invest time and energy in poetry, dance and music. To be able to find beauty in simplicity and learn to laugh at silly things. To bet on those things that make us smile silently, on what brings us solace and comfort, and reinvigorates us instantly. To practice amazement and the capacity to be enthralled.

Fabiola Simões

The proposal of my work is to present a method, developed to enhance pastoral practices, comprehending the needs of an education of excellency, in what touches renovation, redefinition and resignification of teaching practices. The idea of giving students a moment of amazement came up during the meetings we had with classes of the first and second years of elementary school and with the groups of catechism for First Eucharist in 2015 at Antônio Vieira, a school of the Jesuit Education Network. The method called Love, Happiness and Art proposes an itinerary with emphasis on the spiritual dimension through affection, recreation and imagery. I also value and appreciate the processes of knowing, learning, and experiencing of the children who come with their own questions, discoveries, and knowledge about the things of God and of man and woman. I embrace and encourage youth protagonism and empowerment, directing them towards the full formation of the individual.

Keywords: Love, Happiness, Art

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Ensino Fundamental
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SORPA	Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DO AMOR	11
3	DA ALEGRIA.....	14
4	DA ARTE	17
5	DA LUDICIDADE	21
6	DA GESTUALIDADE	27
7	O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES A PARTIR DO MÉTODO.....	29
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE 1 – Exemplos de exercícios pastorais do SORPA	42
	APÊNDICE 2 – Fotografias de atividades lúdicas com alunos.....	44

1 INTRODUÇÃO

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

Como desenvolver e articular uma prática pastoral que envolva, encante e anime mais os educandos nas atividades ligadas à dimensão espiritual, em tempo de empoderamento das crianças e jovens? Tempos de diversidade nos arranjos familiares, de deliberações legais sobre laicização do ensino, de sociedades orientadas para consumo e de interações virtuais na cultura digital?

Deparei-me com esses questionamentos quando adentrava a sala de aula e via rostos ávidos por outras maneiras de participar das aulas de Ensino Religioso, sem ter que ficar por muito tempo sentados, olhando só para frente para mim ou para o quadro que só tinha mudado de cor, mas que ainda era usado para apresentar o assunto, indicar as páginas da tarefa. Então, essa cena me inquietava e como queria ver rostos alegres, olhos vivazes e atenção com emoção, achei que deveria incrementar os encontros com música, dança e encenações. A minha experiência por mais de duas décadas como professora de dança levou-me a apelar para arte quando achava que a palavra não dava conta. Em parte, respondeu, em parte até hoje procuro respostas e vejo que o caminho começa quando nos deslocamos com a proposta de conceber esse momento de troca, no qual emerge o que esperamos de um aluno e o que o aluno espera do professor. Os rostos receberam nomes e que fazem a sua própria leitura do que está a sua volta, implicando essa lição da qual se refere Larrossa, quando diz que na lição “a ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito”, acrescentando que reiterando a leitura se” reintonera” o texto, abrindo possibilidades para uma comunicação em comum. (LARROSSA, 2017).

Entender esse contexto do educando que já traz a sua voz, as suas idiossincrasias, o seu jeito de pensar, de agir e de ser pessoa com as suas demandas, o seu saber. A pergunta cada vez mais se desdobra e percebo que o que as crianças querem é ser criança: brincar, correr, gritar, viver. Procurei o meu lugar e achei o lugar daqueles que anseiam aprender de forma dinâmica, lúdica e afetiva: o método amor, alegria e arte surge como uma possibilidade de rota, diante desse emaranhado de inquietações, para que os encontros tenham sentido na formação integral da pessoa competente, consciente, compassiva e comprometida, conforme indica o Projeto da Rede jesuíta de Educação. (PEC, 2014)

Esse trabalho consiste na descrição do Método de trabalho pedagógico- pastoral, considerando como proposta o desenvolvimento de atividades pastorais com alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental e com alunos do 5º ano que aderem à formação catequética para 1ª Eucaristia no Colégio Antônio Vieira. Apresentar a minha proposta de trabalho é remeter a uma vontade que surgiu em 2015 quando tive uma experiência com Ensino Religioso com alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental e com as atividades da pastoral, envolvendo também os alunos da Catequese.

A minha inquietação era a de perceber como desenvolver as atividades que envolviam conteúdo, momentos importantes e celebrativos do colégio de forma a encantar essas crianças. Esbocei uma ideia que chamei de método Amor, Alegria e Arte, um modo de conceber meu trabalho através da ludicidade, do imagético e da afetividade. Migrou do contexto de sala de aula e se configurou em prática diária do meu fazer pastoral no Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral (SORPA), setor ao qual estou vinculada no Colégio Antônio Vieira até hoje.

A relação afetiva com os educandos tornou-se um dos vieses. Através dos encontros na Capela Menino Jesus, essa relação empática foi construída, consolidada e estendida aos pais e irmãos desses alunos quando uma música, uma fala, ou um gesto ecoava fora da escola, chegando ao coração de toda a família.

Ao apresentar esta proposta de trabalho, procuro também apreciar e validar o processo de conhecer, aprender e experienciar das crianças que vem com suas demandas, curiosidades e interpretações. Amor, Alegria e Arte criando uma linda amizade com o Deus que brinca. Portanto, é uma maneira de conduzir as atividades desenvolvidas com os educandos, visando a introduzir uma prática de oração, contemplação e meditação com ênfase na espiritualidade inaciana de modo a construir uma percepção de Deus como aquele que acolhe, que interage e que brinca. O objetivo é propiciar um momento em que se enfatiza a dimensão espiritual na formação integral da pessoa.

Essa estratégia de introduzir a afetividade, a ludicidade e o imagético construída desde 2015 quando ainda estava em sala de aula com as turmas do 1º e 2º anos e estendida aos grupos de Catequese conduziu à necessidade de elaborar um roteiro de intenções relativo às práticas pastorais com mais atenção às demandas dos alunos e em conformidade com as suas expectativas, perspectivas e idiosincrasias.

O método Amor, Alegria e Arte faz parte das minhas práticas pastorais, demonstrando a sua contribuição a cada ano, na medida em que corrobora as atividades pedagógicas, ressignifica a relação professor/aluno, apresenta uma forma lúdica, orante e cênica de conduzir as atividades. Com ênfase na dimensão espiritual, o método atenta aos apelos do novo desenho

curricular em relação às inovações, ao deslocamento do ensino para as aprendizagens e ao processo de formação do educando.

Esse recurso metodológico se inspira na pedagogia inaciana que vê o homem como ser integral, em todas as suas dimensões-psíquico-físico-espiritual e que realiza seu projeto de vida quando, em tudo o que faz, ama e serve, uma atitude de comprometimento e serviço do homem pluridimensional.

O método Amor, Alegria e Arte busca desenvolver e articular uma prática pastoral que envolva mais os alunos nas atividades ligadas à dimensão espiritual, em tempo de empoderamento das crianças, da diversidade nos arranjos familiares, das deliberações legais sobre laicização do ensino, da formação de uma sociedade para o consumo e da cultura digital.

Pensando nos apelos e nas expectativas dos alunos em relação a esse tipo de atividade, a proposta do método é, sobretudo, de ressignificar as práticas pastorais, considerando o momento de encontro com os alunos como lugar de relação, baseada na afetividade, na ludicidade e na oração. O objetivo é encantar essas crianças com encenações, contação de histórias, a partir das narrativas bíblicas de situações do seu cotidiano e do seu imaginário, apresentando situações que culminem em afeto, respeito e cuidado que se deve ter com os demais. Dessa forma, eles reconhecem a importância de rezar, contemplar, respirar, sentir e de relacionar-se com os outros.

Amor, alegria e arte são ingredientes necessários para realizar esse novo desenho curricular, na medida em que agrega à dimensão espiritual, elementos imprescindíveis na relação dialógica entre os imbricados no processo educativo. Uma nova modelagem do fazer pedagógico no incremento das práticas pastorais que dinamizam o envolvimento do educando, da sua família e de outros educadores para partilhar momentos de boa convivência, boa experiência e um aprendizado que demanda um apelo ao entrelaçamento de todas as dimensões da pessoa as quais a pedagogia inaciana deseja formar para melhor servir, melhor agir, melhor ser no mundo.

2 DO AMOR

Ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem amor, eu nada seria.

Renato Russo

O método amor, alegria e arte enfatiza, inicialmente, o amor como um dos elementos fundantes para a realização do fazer pastoral. Traçou-se uma rota teórica baseada, sobretudo, em estudos relacionados à psicologia transpessoal direcionada a uma psicossíntese, a um tipo de psicoterapia, também designada como a psicologia do amor que apresenta o amor, a compaixão e a espiritualidade como fundamentos de dois autores que apontaram a importância do amor para compreender as relações afetivas entre as pessoas.

Trazendo à luz uma abordagem dos aspectos relacionais, interpessoais cuja ênfase está na empatia, considerada como elemento importante na formação do ser humano. Neste sentido, a alteridade, a natureza dos relacionamentos e as práticas de alguns profissionais podem ser investigados, alterados e ressignificados, uma vez que a importância atribuída ao amor empático revela, intensifica e aprimora a qualidade de vida por conta da presença das pessoas na vida das outras. (FIRMAN & GILA, 2016).

A proposta apresentada pelos autores sugere que, em se tratando das práticas pastorais, há uma possibilidade de seguir por essa via, na medida em que se percebe uma similitude no atuar dos psicólogos terapeutas e da pastoralista quando creditam na postura, no comprometimento e no envolvimento uma eficácia e fluidez nas relações de afeto estabelecidas entre as pessoas e fortalecidas por vínculos de respeito, intimidade e afetividade. Portanto, o amor empático define-se como elemento importante no desenvolvimento de habilidades, apresentando-se como resultante de uma experiência na/de vida em que o acolhimento seria a força motriz.

Os autores apresentam um conceito da psicossíntese, utilizado pelo psiquiatra Roberto Assagioli que se refere a este como movimento processual na formação da personalidade. Para o fazer pastoral, entretanto, o que tem mais valia são os desdobramentos desse conceito que remete à noção de organização, harmonia e coerência:

Por psicossíntese, ele se referia a um movimento rumo à organização, coerência e harmonia na personalidade humana, entre indivíduos e grupos humanos” (ASSAGIOLI apud FIRMAN & GILA, 2016, p. 16)

Outra noção muito cara às práticas pastorais é a do acolhimento que é atributo de uma corporeidade, incremento que reforça vínculos, cria proximidade e que pode se configurar como precursor do desenvolvimento pessoal ao iniciar uma experiência de afeto. Neste sentido, os autores revelam que o acolhimento impulsiona o desenvolvimento da pessoa com força e que através de um abraço, capacidades emergentes, habilidades adquiridas, as experiências são sintetizadas, ou seja, consideradas como elementos constitutivos de sua formação pessoal. Um abraço, um Impulso, uma demonstração do amor empático como estímulos promovem nos educandos uma sensação de confiança, de intimidade e de acesso, de forma que os encontros realizados com a pastoral consistem também em consolidar vínculos de afeto.

“Bem dentro no fundo de cada ser humano, há um impulso inato para abraçar e atualizar tudo que ele é. Se receber o devido alimento, a pessoa se desenvolve com a força e o ímpeto de uma semente que cresce, sintetizando capacidades emergentes, habilidades adquiridas e experiências de vida em um todo, uma expressão coerente de si mesmo” (FIRMAN & GILA, 2016, p. 15)

A compreensão que os autores apresentam para o amor empático é assimilada na condução das atividades da pastoral, sobretudo nos encontros com os educandos, uma vez que estas práticas são respaldadas, motivadas e realizadas, ressignificando a relação interpessoal. À medida que se apresenta um Deus que é próximo, é amoroso, é relacional, os educandos também se sentem mais conectados com o transcendente porque percebem uma consolidação dos vínculos com pessoas que eles veem, abraçam, com quem tem uma relação de empatia. Portanto, o que sucede com a pessoa que vê, que sente, que toca, acontece por extensão com aquele que não se pode ver, mas pode sentir.

Um itinerário que prioriza as relações afetivas permitirá que os caminhantes percebam, sintam e se permitam a participar de encontros efusivos que não obliteram a liberdade do e de ser, o que pressupõe atitudes cordiais, leves, livres que tornam a caminhada humana mais primorosa, mais fraterna e mais comprometida.

Portanto, o amor empático utilizado como ferramenta no serviço pastoral corrobora a ideia de implementação de atividades que consistem em apresentar a afetividade como possibilidade efetiva na consolidação das relações entre as pessoas, sobretudo quando se apresentam a gratuidade, o amor incondicional e desinteressado como expressão de valores que podem ser cultivados por todos e referidos como aprendizado inerente à vida de todo cidadão, de toda cidadã: justiça, paz e fraternidade.

A nomenclatura pode até assumir listas intermináveis, todavia, quando se refere ao amor empático, alguns termos são acionados pelas nossas lembranças afetivas, por nossas

experiências caridosas e por toda a história de vida o que propicia um comprometimento pessoal com questões ligadas a seu crescimento como pessoa, a situações sociais e ambientais. Amor altruísta, amor ágape, amor caritas, aquele tipo de amor que ultrapassa o amor *eros* e o amor *filia*, só é compreendido na medida em que as pessoas se comprometem a ter responsabilidade sobre si mesma, sobre o ambiente em que vive e sobre o seu próximo, sua próxima, todo aquele, toda aquela que precisa do seu olhar, do abraço e da sua atenção.

Esse amor é também o que Roberto Assagioli chamou de ‘amor altruísta’, proveniente do self mais profundo ou transpessoal, além da personalidade consciente. Segundo ele, esse amor também pode ser chamado de ‘caritas’ e ‘ágape’ e envolve ‘uma sensação de identidade essencial com nossos irmãos e [irmãs] na condição humana (...) Ele também pode abarcar todas as coisas vivas dos reinos animal e vegetal (...) Essa inclusão é expressa no amor budista por todos os seres vivos e por São Francisco em seu Cântico das Criaturas (ASSAGIOLI apud FIRMAN & GILA, 2016, p. 21)

Contudo, um outro diálogo que poderia ser articulado seria entre os psicólogos John Firman e Anna Gila que trazem as considerações de Roberto Assagioli e São Paulo na sua carta aos Coríntios. O amor é apresentado por São Paulo pelo que é, e, por aquilo que não é, enfatizando o âmbito da sua amplitude, magnitude e inclusão, pois para esse inveterado evangelizador o amor é: paciente e benfazejo, não é invejoso, não é presunçoso, não é interesseiro.

Então, o amor empático é esse amor sem restrições, sem preconceitos e sem pré-noções o que faz reforçar a tese de Firman e Gila quando afirmam que esse tipo de amor “nutre a individualidade” com atitudes amorosas altruístas, desinteressadas e incondicionais. (FIRMAN & GILA, 2016). Neste sentido, a psicossíntese vem alicerçar o trabalho desenvolvido na pastoral, atribuindo ao amor um aspecto de condutor que potencializa as relações interpessoais e as relações que as pessoas podem ter consigo mesmas e vem apresentar o conceito de síntese como implemento desse fazer pastoral, na medida em que abarca as noções de integração, plenitude e atualização rumando à ordem, harmonia e beleza, elementos importantes para consolidação dos vínculos afetivos, referidos por Assagioli como laços de amor. (ASSAGIOLI apud FIRMAN & GILA, 2016, p.30).

3 DA ALEGRIA

“Faz-nos trilhar, Senhor, a estrada da alegria. No simples, no próximo, no escondido da vida ajuda-nos a ouvir a pequena sinfonia da alegria e a abrir com solenidade, para ela as portas indecisas do tempo que corre.”

José Tolentino Mendonça

A alegria é a segunda denominação, característica e atribuição dada ao método utilizado nas práticas pastorais. Embasada nas exortações do Papa Francisco (a *Evangelii Gaudium* e a *Amoris Laetitia*), as quais se configuram em um direto convite a todos que se comprometem com o anúncio da boa notícia, o Evangelho, a alegria torna-se um recurso sem o qual a missão dos envolvidos na e com a Igreja, seria vã, pífia e infrutífera. Portanto, falar das coisas de Deus e das coisas dos homens e das mulheres demanda um comprometimento com o serviço pleno de alegria, de disposição e de disponibilidade.

Em *Evangelii Gaudium*, o convite está relacionado a três elementos basicamente: o compromisso, a proposta e o acompanhamento. O Santo Padre convida a todos, portanto, “ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos” a participar da missão que lhes é atribuída, levando a alegria como sinal de pertença, de comprometimento, saindo do comodismo, do formalismo e do individualismo para traçar caminhos, indicar rotas e anunciar a palavra de Deus. Com esta Exortação, dirige-se, portanto, “aos fiéis cristãos” para participar de uma nova etapa evangelizadora com alegria, destacando a importância em indicar caminhos para o itinerário da Igreja nos próximos anos. (FRANCISCO, 2013).

A importância desse convite é atribuída sobremaneira ao modo como o Papa concebe os rumos da Igreja na atualidade, considerando claramente que tal proposta é sobretudo inclusiva, remissiva e propositiva, na medida em que não exclui nem destitui ninguém desse chamado; remete à história da Salvação, lembrando que as todas as pessoas podem se envolver com a pessoa de Jesus em uma situação de encontro com Ele; propositiva, na medida em que o convite é um chamado à disponibilidade para que as pessoas renovem o seu compromisso com a missão com alegria.

Convido todo cristão em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém pensar que este convite não lhe diz respeito, Já que ‘da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído’ Quem arrisca, o Senhor não desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada, (FRANCISCO, 2013, p.4).

Essa exortação tem o seu cunho pedagógico, na medida em que na sua subjacência, apresenta um itinerário pastoral o qual todos convidados devem considerar como possibilidade de envolvimento com a missão. O papa, ao citar algumas passagens da Bíblia fundamenta a sua convocação, mostrando que a alegria subsidiou toda a história da salvação e que exemplos para confirmar essa constatação são bastante numerosos, convincentes e jubilosos (FRANCISCO, 2013).

Para falar do divino, é preciso ser e estar alegre, confiante, corajoso, corajosa porque demanda deslocamento, posicionamento e vontade. Com base nesse chamado, o serviço na Pastoral terá uma outra configuração. Essa proposta de apresentar a alegria como recurso pedagógico, como fundamento e como missão incide numa revisão da condução das práticas pastorais que assumidas dessa forma requerem a todo momento uma reflexão, empenho e avaliação.

Neste sentido, é importante atentar para essa condição *sine qua non* de ser/estar alegre para levar alegria. A alegria é uma motivação, é um serviço, é uma conduta, esperada. Nesse serviço, sobretudo, com crianças, configurando-se em encantamento, a alegria potencializa as relações entre as pessoas de forma a consolidar esse envolvimento dos educandos, apresentando a eles o valor que tem esse encontro com o transcendente na pessoa de Jesus.

Somente graças a este encontro- ou reencontro- com o amor de Deus, que se converte em uma amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. (FRANCISCO, 2013, p. 9)

A alegria “do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” consiste, também, em potencializar o *querigma*, esse primeiro anúncio da Palavra de Deus, de forma renovada. Esse apelo do Papa Francisco agregado a uma visão de uma Igreja em saída, em missão, evoca a necessidade de dotar as práticas pastorais de uma sensibilidade para uma conscientização, pautada na busca do ser *magis*, do ser mais para os demais, designando a “suave e reconfortante alegria de evangelizar” (FRANCISCO, 2013).

Outra exortação, a *Amoris Laetitia*, endereçada “aos bispos e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos a todos os fiéis leigos”, apresenta também um aspecto importante para as atividades pastorais, na medida em lança algumas diretrizes sobre o saber bem conviver, o saber lidar com as dificuldades cotidianas e o saber discernir o que é característico do ser cristão num contexto do mundo contemporâneo. Falar do amor na família é um convite que faz o Papa Francisco, a priori, aos casais que, por sua vida matrimonial, entendida como vida de sacramento e vida de compromisso com os descendentes, celebram

esse itinerário de vida a dois, apesar das suas implicações que podem afetar a vida dos que estão a sua volta: parentes, filhos e outros. (FRANCISCO, 2016)

No entanto, a importância da condução pastoral em relação a essa exortação está na apresentação de algumas perspectivas pastorais, considerando a singularidade de cada contexto familiar para anunciar o Evangelho, entendendo a família como *locus* primeiro da Igreja, a Igreja doméstica que protagoniza com alegria uma experiência de projetos de vidas. Família que assume a sua missão como atividade geradora e educativa, em comunhão com o transcendente e sendo reflexo dessa comunhão trinitária entre Pai, Filho e Espírito Santo. A inserção de uma ação pastoral, considerando esse contexto familiar, é um apelo contido nessa exortação, mas sobretudo um desafio, uma vez que há diversidade de arranjos familiares. O Papa Francisco indica a importância do acompanhamento dos casais. Como desdobramento dessa orientação, a importância de um acompanhamento, também, pode ser atribuída aos filhos. Neste sentido, a reflexão pode remeter a outro lugar, cabendo aos destinatários da *Amoris Laetitia* a competência de acompanhar as crianças em todo seu processo de crescimento e desenvolvimento de suas habilidades.

Considerando a educação dos filhos como tarefa primeira dos pais, a exortação ocupa-se com a formação ética das crianças. Quando o lugar da educação é a escola, a dimensão ética também tem sua importância e por isso o que o Papa fala, dirigindo-se aos pais, serve também para os educadores que se implicam no processo de formação do educando que vai a, além de avaliação do aspecto cognitivo.

“A tarefa dos pais inclui uma educação da vontade e um desenvolvimento de hábitos bons e tendências afetivas para o bem. Isto implica que se apresentem como desejáveis os comportamentos a aprender e as tendências a fazer maturar. Mas trata-se sempre de um processo que vai da imperfeição para uma plenitude maior. O desejo de se adaptar à sociedade ou hábito de renunciar a uma satisfação imediata para se adequar a uma norma e garantir uma boa convivência. Já é, em si mesmo, um valor inicial que cria disposições para se elevar depois rumo a valores mais altos. A formação moral deveria realizar-se sempre com métodos ativos e com um diálogo educativo que integre a sensibilidade e a linguagem própria dos filhos” (FRANCISCO, 2016, p. 161)

No contexto específico escolar, as práticas de acompanhamento socioafetivo são desenvolvidas a partir dos encontros com os educandos em parceria com o Serviço de Orientação Educacional (SOE), além dos encontros mensais na Capela Menino Jesus, nos encontros semanais nos pátios e nos encontros específicos para 1ª Eucaristia. Essa prática acontece em outros momentos e espaços quando os educandos desenvolvem atividades com outros professores, ocasião na qual são observadas situações comportamentais. Momento em que os educandos aprendem a conviver, através dos temas propostos que indicam possibilidades de pensar sobre diversidade, amizade, “combinados”, colaboração, respeito.

4 DA ARTE

A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas « epifanias » da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística. Ninguém melhor do que vós, artistas, construtores geniais de beleza, pode intuir algo daquele *pathos* com que Deus, na aurora da criação, contemplou a obra das suas mãos. Infinitas vezes se espelhou um relance daquele sentimento no olhar com que vós — como, aliás, os artistas de todos os tempos —, maravilhados com o arcano poder dos sons e das palavras, das cores e das formas, vos pusestes a admirar a obra nascida do vosso gênio artístico, quase sentindo o eco daquele mistério da criação a que Deus, único criador de todas as coisas, de algum modo vos quis associar.

João Paulo II

A arte é uma das partes do método, considerada uma vocação humana que explora os mais tenros aos mais exacerbados sentimentos, emoções e sonhos. Do seu lado onírico, pode-se extrair a via do imaginário simbólico a qual expõe e impõe algumas facetas do limiar entre a realidade imanente e realidade latente, aquilo que se vê em diálogo, ou contradição ou complementariedade com aquilo que se representa o que se vê. Visão de mundo, visão no mundo, uma perspectiva que liberta, potencializa e empodera o ser humano, na medida em que apresenta possibilidades para (re) tratar, refletir, (re) desenhar sobre o que nos acontece, nos afeta e nos implica.

Neste sentido, o que importa nesse método é perceber a arte como indicadora, facilitadora e recurso de inovação das práticas pastorais, na medida em que dela se serve para desenvolver as atividades lúdicas, as encenações e a ambientação cênica, nos encontros com os educandos com a finalidade de apresentar a sua irredutibilidade, a sua potencialidade em despertar e estimular a capacidade criativa de todos envolvidos no processo do/de aprender.

A arte como expressão de ideias, concepções e pensamentos é um recurso da humanidade desde tempos imemoriais que não se reduz a formatos delimitados, apresentando uma territorialidade que ultrapassa espaços e tempos. Sendo alvo de estudos de diversos especialistas como manifestação idiossincrática do ser humano pode desencadear, à guisa de uma analogia com estudos sobre origem das atividades artísticas do homem e da mulher, uma análise sobre a surrealidade do real e a realidade do surreal para provocar, explicar, contrapor ou simplesmente exibir uma sensação, um modo próprio de criar uma realidade paralela, assimétrica ou simétrica com uma vertente estética, imagética e inspiradora que dialoga com as inquietudes, demandas e expectativas humanas quanto a sua maneira de traduzir, deslocar-se e interpretar a vida na contemporaneidade.

A arte também se tornou ocupação de estudos contemporâneos, devido principalmente a sua capacidade de afetar o ser humano, apresentando-se como uma via alternativa de acesso ao conhecimento crítico da realidade. Neste sentido, compreender de que forma a arte pode ser expressão do pensamento contemporâneo tornou-se um meio de acompanhar bem discreta e superficialmente como se permeiam as discussões sobre a atuação da arte no mundo hoje, considerando o diálogo que alguns artistas apresentam na obra *A arte contemporânea e o pensamento da diferença*. (PASQUALI, 2013).

A organizadora dessa coletânea apresenta uma possibilidade de diálogo entre a arte o processo criativo de artistas e conceitos que engendram uma leitura pautada na descoberta dos aspectos criativos das obras e das relações entre estas, enfatizando de que forma o pensamento pode entender a diferença, descartando todo ranço do senso comum, as investidas dos aparelhos de poder para sobretudo imprimir uma racionalidade a qual percebe um outro aspecto da arte, considerando como o artista pode atuar como agente transformador que nos “compele a pensar”. (PASQUALI, 2013).

A arte contemporânea busca se sobrepor ao estético, ao belo, ao imagético, propondo uma leitura crítica da realidade, contando, para isso, com a mobilização, capacidade criativa e comprometimento do artista com o seu tempo com o atributo do pincel, do corpo, da voz. Essa proposta, portanto, confere à arte um movimento, um deslocamento, uma disposição para pensar mudanças, para instigar questionamentos e para afetar as pessoas por meio das suas mais diversas modalidades: literatura, cinema, música, pintura, fotografia, dança, escultura, teatro, grafite.

O artista não propõe à sociedade a confirmação de suas certezas; ele, através de sua obra revira tudo e nos remete a regiões insondáveis, apresentando outras possibilidades de vida. Assim a arte é o que pode nos tirar das repetições cotidianas e nos fazer ver e sentir de outra maneira (...) nos faz perceber e entender o mundo ao redor, descobrir outra dimensão das coisas que por outros meios, seria impossível, porque é um modo de pensar por meio de imagens, de sons, de palavras. Mantém-nos abertos e frescos e abertos para a diferença. Quando tudo parece tronar-se insuportável, a arte é que pode nos tirar da paralisia, nos inflar de paixão, de vontade de viver e de também produzir algo (...) a arte é algo real e que produz, em nós, sensações reais, pois é fruto de uma vontade poderosa capaz de produzir uma modificação real na vida, que não só ultrapassa em muito a imaginação (...) A obra é sempre uma realidade, um acontecimento que carrega em si afetos, porque há um laço profundo entre os signos da arte e o mundo (...) somente a arte tem essa potência de expressão, de condensar num único objeto ou numa ação um máximo de dor ou de alegria, nos lançando numa estranheza fundamental. (PASQUALI, 2013, p. 14).

Em que pese toda essa definição apaixonada, salvífica e messiânica da arte, o que importa é compreender nas suas subjacências como, porque e onde a arte pode servir como ferramenta na condução do fazer, sentir pastoral que dela se utiliza para promover encontros

que despertem nos educandos esse encantamento com essa forma de ver as coisas. Através de uma apresentação cênica dos personagens que recebem a voz, a cor e a interpretação de crianças que por si só demonstra uma capacidade de abertura para compreender uma narrativa bíblica com intervenções de cenas, de músicas, de cenários, atentando para o contexto, as histórias e, sobretudo, para o que com essas dinâmicas se aprende, se compreende e se afeta.

A arte apresenta essa potência de desinstalar, ressignificar e sentir. Nas práticas pastorais, esse recurso é muito querido, esperado e alterado pelos educandos, na medida em que são também partícipes do processo, presenteando com suas atitudes, perguntas e muita vontade de ceder sua coautoria nesse devir que é um construto que se torna via de acesso dessa interação. Entrar na Capela, nos dias de encontros, indica um convite a perceber a presença do transcendente no ordinário das pessoas; a arte acessa uma imaginação que reboca uma contemplação do ambiente com cenários, cores, figurinos, apresentando histórias reais de pessoas que enfrentaram e superaram problemas, acreditaram em um mundo melhor, estabeleceram regras de convivência, lutaram, esperaram e viveram.

Para agregar ainda mais as dinâmicas na Capela, nos pátios e em outros espaços é que a arte foi convocada. A arte está presente nos salmos, nas novelas, nos evangelhos e outras passagens bíblicas. Mostrando, entre outras facetas do ser humano, a sua capacidade de resiliência. Deus, nosso criador, nos modelou com argila, nos esculpiu com a sua vontade de criar um ser dotado de habilidades, mostrou ser, portanto, o primeiro artista que criou uma obra inacabada, atribuindo ao homem e à mulher essa capacidade de ter o livre arbítrio para se emoldurar, para se esculpir, para (re) pensar enquanto protagonista do seu principal projeto de arte: seu projeto de vida.

Perceptos, afectos e devir, conceitos desenvolvidos por Giles Deleuze e Félix Guatari muito caros para Pasquali, vêm reiterar as considerações sobre a capacidade libertadora que a arte fomenta no ser humano, na medida em que tais conceitos implicam a formação do novo, a partir da experiência, a qual é designada por experimentação, atribuindo ao palpável uma importância que ultrapassa a noção de representação. Neste sentido, a arte corrobora a proposta de inovação, de ressignificação das relações interpessoais e dos valores como forma de compreender o que se passa com todos, o que afeta e o que desloca as pessoas para que apresentem essa vontade de mudar, de transformar, de aventurar.

Perceptos não são percepções de objetos, mas a própria composição da obra, que dura, enquanto o material durar, mesmo que seja um lapso de tempo, mas por outro lado o percepto não se confunde com o material. São os afectos que produzem a sensação, eles que são colorantes, texturantes, são solidificantes ou liqueficientes, que fazem as passagens de estados de sensações. A obra de arte é um composto, um bloco de

sensações que faz vir seja o que for, diante de quem a experimenta em tal momento. Pura sensação. É o devir (...) a partir da experimentação da arte (...) como metamorfose (...) que é toda a potencialidade de um vir a ser intrínseca aos corpos. Um artista ao criar um olhar, não está imitando, mas produzindo por outros meios o próprio 'olhar', o elã do olhar como um acontecimento, um olhar feito de cores, de texturas, de linhas, de palavras (...) Arte como simulacro (...) saímos geralmente de um encontro com uma obra transformados, intrigados, instigados. Uma arte afetiva, um composto de afetos e perceptos. (PASQUALI, 2013, p. 18-19)

Importante perceber o quanto a arte pode ser afetiva, incisiva e potencializadora para desenvolver capacidades sinestésicas, cognitivas e cenestésicas, na medida em que provoca uma tendência a se permitir enfrentamentos, adversidades e novidades.

Neste sentido, os encontros com os educandos são um convite ao protagonismo, às descobertas, trazendo a arte como simulacro para descortinar realidades, dando persona às personagens, contextualizando situações nas quais as crianças lançarão o seu olhar, simulando uma história para dela perceber as tessituras, a diversidade no seu cotidiano e a similitude com a realidade que as cerca. Atribuir à arte essa dimensão afetiva, confere ao fazer pastoral uma dinâmica de posicionamentos, uma retomada dos seus contornos e uma força potencializadora no processo do apreender a ser, a ver, a sentir si mesmo e o outro com esse “elã de olhar”.

Para Pasquali, a arte desinstala, lançando as pessoas para fora do lugar comum com intenção, com potência de despertá-las por inteiro num outro plano, enfatizando o perceber, o sentir e o pensar de modo diferente. Dessa maneira, a arte “arrasta consigo as forças da vida, uma potência de vida que só pode existir numa imagem, numa música, num poema”. Por isso, a arte, é uma fonte inesgotável de inspiração, provocando uma vontade de cada vez mais dela se imbuir para criar mais, pensar mais e viver melhor. Os educandos percebem e sentem esses efeitos da arte nas dinâmicas e com isso se sentem afetados, a ponto de demandarem esse recurso nos encontros. (PASQUALI, 2013).

5 DA LUDICIDADE

Eu tentei compreender
A costura da vida
Me enrolei pois
A linha era muito comprida,
mas como é que eu vou fazer para desenrolar.

Tambolelé

Outra proposta muito presente no projeto é traçar um percurso via ludicidade, entendida como necessidade para o desenvolvimento da criança, na medida em que se revela como processo de descobertas, autoconhecimento e manifestação das relações interpessoais engendradas pelo ato de brincar.

Este percurso, que concebe, prioriza e utiliza o lúdico como ferramenta, possibilita um modo de desenvolver a criatividade, implementando, através dos jogos, brincadeiras, das diversas modalidades artísticas, a exemplo da música, da dança e da pintura, um aprendizado com sentido para os educandos, na medida em que emergem as capacidades de articulação da realidade com a fantasia, esse *locus luden*, esse espaço onírico, divertido e importante para a sua formação como ser relacional, interativo e dinâmico.

Para as crianças, a brincadeira faz parte da sua vida de modo significativo a ponto de considera-la “coisa séria” sem a qual a sua história se alija de uma infância bem vivida, bem brincada, bem divertida. Elas aprendem com a brincadeira e jogos que ressignificam por toda a sua trajetória, repassando pela oralidade ou por registros outros a sua satisfação em ter experienciado esse tipo de atividade. A seriedade na/da brincadeira está, portanto, associada, ao modo pelo qual ela é entendida. É com ênfase que a pesquisadora em educação infantil, Márcia Figueiredo, refere-se ao ato de brincar como atividade séria, apontando a seriedade como elemento definidor das atividades lúdica e atribuindo sentido à responsabilidade, ao comprometimento e ao tempo que meninos e meninas dispensam. As crianças, quando se envolvem com as brincadeira, não se ocupam em perceber o seu caráter de seriedade ou não seriedade; elas se encontram em estado de torpor tal que o seu olhar é fixado no que o jogo, as brincadeira, as atividades que proporcionam diversão, tirando o maior proveito desse tempo/ espaço supostamente suspenso da realidade, todavia associado à essa realidade, na medida em que a importância de brincar é atribuída a seu envolvimento, a seu encantamento e à disposição em participar das brincadeiras, jogos e divertimentos.

Nos encontros com a pastoral, os educandos se ocupam em participar das dinâmicas, atentando para as encenações sem atribuir esse caráter de seriedade, a priori, mas dado o seu envolvimento e sobretudo a sua vontade em fazer parte das atividades cênicas em que o lúdico está muito presente, demonstram comprometimento e responsabilidade, atribuindo uma veracidade aos momentos de apresentação das narrativas bíblicas porque se põem no lugar da pessoa encenada, não importando se se constitui em personagens fictícios das parábolas ou de personagens históricos.

Alguns estudos se depararam com a questão relacionada ao brinquedo, ao jogo e à brincadeira, A ênfase dada nesse momento é para uma abordagem feita por pesquisadores da educação que fazem referência ao modo como esses três elementos são revisitados a partir de uma leitura de teóricos que contribuíram sobremaneira para uma compreensão do significado que tem a brincadeira para o universo infantil. Em “Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação”, os pesquisadores mapeiam de que forma os teóricos definiram esses termos, destacando as implicações relativas à composição do mundo imaginário próprio da infância distinto do mundo do adulto, atribuindo uma relevância ao processo de inserção das crianças no mundo da construção das regras, dos simbolismos e das linguagens (KISHIMOTO, 2011).

A brincadeira apresenta o modo pelo qual a criança se expressa, relacionando-se com os envolvidos com seu constructo de uma realidade que emerge diante das possibilidades de interação, inserção em um contexto e de apropriação dos seus aprendizados. Neste sentido, um estudo multidisciplinar que enfatiza a metalinguagem, o caráter da ação comunicativa e os aspectos sócioafetivos demanda entender a relação entre brincadeira, brinquedo, jogo e desenvolvimento das crianças.

Considerando a importância do brinquedo na educação infantil, Tizuko Kishimoto, a organizadora da coletânea e coordenadora do laboratório de brinquedos da Universidade de São Paulo, define o brinquedo educativo como propiciador de entretenimento, satisfação e envolvimento como também propiciador de conhecimento, de saber e de descoberta, revelando, portanto, seu caráter lúdico e educativo concomitantemente. Para a pesquisadora, o brinquedo se insere no contexto do aprender, tornando-se ferramenta importante, na medida em que potencializa no educando a “exploração e construção do conhecimento”. (KISHIMOTO, 2011).

Considerando o aspecto simbólico, cognitivo e educativo do brinquedo, atribui-se uma importância à dimensão cognitiva do desenvolvimento infantil, a partir de um contexto cultural e social, à formação do educador como mediador desse processo e à proposta de construir uma “pedagogia da criança”. Em que pese a importância dada a esse aspecto aos primeiros anos de

vida da criança e à fase pré-escolar, esse entendimento também pode-se estender aos educandos que integram ao primeiro ciclo de Ensino Fundamental.

A pesquisadora Maria Célia Dias, no capítulo intitulado “Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar” fala das dificuldades encontradas pelo educador em relação às práticas associadas à comunicação não verbal, diante de um formato ultrapassado das escolas que obliteram as experiências dos educadores com uma educação político-estética que concebe o homem como ser simbólico cuja capacidade de pensar está associada à capacidade de sonhar, de imaginar, de criar. Neste sentido e observando as crianças, sugere uma compreensão da realidade a partir de uma intervenção ativa e modificadora do homem na perspectiva do homem “demiurgo, artesão, criador, obreiro, tanto na ciência como na arte”. A criança potencializa essa capacidade criativa, inventiva e imaginativa, através dessa metalinguagem:

Uma das tarefas centrais do desenvolvimento nos primeiros anos de vida é a construção dos sistemas de representação, tendo papel chave neste processo a capacidade de “jogar com a realidade”. É neste sentido que podemos dizer que o jogo simbólico constitui a gênese da metáfora, possibilitando a própria construção do pensamento e aquisição do conhecimento. Apontamos a importância do trabalho com o jogo e as linguagens artísticas na formação do educador pré-escolar como caminho de uma pedagogia da criança. (KISHIMOTO, 2011, p. 51)

Neste sentido, é importante perceber o significado atribuído pela linguagem denominada metafórica ao pensamento. Aberto às contingências que engendram uma outra configuração do aprender. Apresentada como contraponto ao pensamento linear, a linguagem metafórica propõe um modelo de linguagem que se configura como rede de significações, a partir das múltiplas interpretações que são dadas à realidade na perspectiva de transformação e destinadas a compreender esse mundo lúdico. Por esse viés, portanto, o brinquedo, o jogo e as brincadeiras configuram-se em ferramentas que são utilizadas para construir o mundo infantil, através das relações de convivência, da criatividade das interpretações.

O pensamento é metafórico e não linear por natureza. A realidade é construída pela razão mediada pelo símbolo (...) a partir de esquemas de pensamento que são redes intrincadas afetivas, cognitivas, conscientes e inconscientes, elaborações internas de cada, construídas dentro e a partir do contexto cultural e social. O contexto cultural, por sua, vez se estrutura por meio de representações coletivas simbólicas, que vão ser ao mesmo tempo alimento e produto do pensamento humano (linguagem, arte, religião, mito, ciência) A realidade é, assim, construída; nunca capturada diretamente por um pensamento linear ou um discurso explícito (KISHIMOTO, 2011, pp. 50-51).

Nos encontros semanais com os educandos do 2º ao 5º ano, no momento de oração no Pátio Aquarela ou no Pátio do 1º ano EF, nos encontros com os catequizandos e nos encontros com os educandos do 1º e 2º anos na Capela Menino Jesus, recorre-se à ludicidade de modo a potencializar essa capacidade cognitiva, aberta à imaginação, à criatividade e à interpretação, contextualizando uma história, a partir, portanto desses elementos de que dispõem, tornando o momento muito esperado porque o aprendizado se configura através do lúdico, centraliza-se “nas elaborações internas” de cada um de cada uma. O fato de associar o momento a um tempo e espaço de descontração, de uma suspensão das atividades didáticas e de um deslocamento, os educandos acolhem com muita abertura as atividades propostas que seguem como roteiro o qual se apresenta ao modo de um itinerário para seu protagonismo no processo de aprender.

Visando mesmo esse deslocamento da centralidade de ensino para as aprendizagens, as atividades desenvolvidas pelo método amor, alegria e arte potencializam essa capacidade criativa, inventiva e interpretativa dos educandos, considerando, sobremaneira, essa forma de entender o imaginário infantil. As atividades lúdicas proporcionam esse encantamento, bem-estar e participação das crianças no processo de/do aprender, contribuindo para o desenvolvimento físico, motor, emocional cognitivo e social e tornando o ambiente “aconchegante, desafiador, rico em oportunidades e experiências” (MALUF, 2014, p.11)

Em atividades lúdicas para educação infantil, a psicopedagoga Ângela Maluf aponta as contribuições do médico, psicólogo e estudioso da educação na infância, Wallon que, no século XX, desenvolveu uma teoria pedagógica a respeito do desenvolvimento da criança. Considerava que, a partir da corporeidade, emoções e afetividade, as crianças revelariam “traços importantes de caráter e personalidade”. Também destaca as contribuições de Vygotsky no que se refere à formação das pessoas a partir das experiências e à importância da construção do pensamento infantil a partir da interação com outras pessoas que mostrem “ações, movimentos e formas de expressão” (MALUF, 2014, p. 17)

A dimensão cognitiva não se encerra em si mesma, na medida em que a criança é muito mais que uma simples “massa craniana”, é corpo também e definida como ser social que “proclama processos afetivos através da emoção”, dispondo de uma corporeidade que não dissocia do seu intelecto. A estudiosa retoma esse aspecto da corporeidade para falar da importância das atividades lúdicas no processo de aprender, destacando o que para Wallon é fundamental para compreender o desenvolvimento infantil:

Ele considera a criança como ser social desde a hora do nascimento e que ela proclama processos afetivos através da emoção (...) também considera o ser humano como um todo: afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano.

Acredita que a afetividade tem uma função principal no desenvolvimento do ser humano, é através dela que a criança mostra seus desejos e suas vontades (...) define o conhecimento através do emocional, do cognitivo e do social (MALUF, 2014, pp. 14-15)

A estudiosa apresenta a teoria de Vygotsky, destacando a importância da interação, do trabalho em grupo e da construção do conhecimento. A aprendizagem infantil se desenvolve, portanto, através da compreensão de um contexto relacionado aos “estabelecimentos sociais e sistemas educacionais como a família e a Igreja”, possibilitando que a criança construa seu próprio pensamento e descubra o significado da ação do outro e da sua própria ação. Parte do princípio de que “as pessoas não nascem como um copo vazio” porque formadas de acordo com as experiências as quais são submetidas. Considerando o que Wallon e Vygotsky, a estudiosa aponta as similitudes entre ambos e resume os aspectos em que se aproximam relativamente ao desenvolvimento das crianças para fundamentar a importância das atividades lúdicas: o contexto social, a ação do sujeito no processo do conhecimento:

A Teoria de Vygotsky apoia-se no entendimento de um sujeito interativo que organiza seus conhecimentos sobre os objetos num processo mediado pelo outro (...) a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento (...) explica a conexão entre a aprendizagem e o desenvolvimento através da zona proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um espaço ativo entre as dificuldades que uma criança pode resolver sem ajuda (nível de desenvolvimento real), e as que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz naquele instante, para depois chegar a dominá-las por si mesma (nível de desenvolvimento potencial). (MALUF, 2014, pp. 17-18).

As atividades lúdicas, portanto, fazem parte do processo de aprendizagem dos educandos, possibilitando momentos de interação, conjecturas, experiências, na medida em que se constrói conhecimento do mundo com criatividade, ludicidade, transformando a realidade, através da imaginação. Em todos os encontros em que o lúdico é introduzido, percebe-se uma adesão significativa, pois, apresenta como proposta experimentar uma dinâmica que vise a uma interação. Na educação infantil, a brincadeira, jogos, brinquedos consistem em elementos importantes do ato de conhecer. Quando brinca, aprende; quando joga, interage; quando faz parte de uma atividade cênica, realiza. Portanto, aprendem através da ludicidade, mostrando o que fazem, como organizam esse fazer:

Toda criança que participa de atividades lúdicas adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, gerando um forte interesse em aprender e garantindo o prazer (...) Na educação infantil, por meio das atividades lúdicas, a criança brinca, joga e se diverte. Ela também age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. As atividades lúdicas podem ser consideradas tarefas do dia a dia (...) A criança fica absorvida de forma integral (...) também espelha a sua experiência, modificando de acordo com seus gostos e interesses (...) podem se desenvolver como indivíduos ativos criadores. (MALUF, 2014, pp. 21- 24)

Nas atividades desenvolvidas pela pastoral, a alegria é esboçada nos rostos daqueles que vão participar dos encontros na Capela Menino Jesus. Demonstram interesse, vontade, e surpresa, dispendo-se a aprender, a participar, também, a ensinar, na medida em que acolhem a proposta de fazer parte do encontro afetiva e efetivamente. Aceitam ser personagens, a emprestar a sua voz, a protagonizar o momento de contação de história, das encenações, da revelação de quem ou do que sairá do baú do tesouro e da disposição para cantar, para dançar e principalmente, para brincar.

As atividades pastorais adotam essa perspectiva do brincar, considerando a atividade lúdica importante na formação integral da pessoa que se compreende, sobremaneira, a partir desse contexto no qual o lúdico se configura em ferramenta que potencializa o saber, o conviver e o conhecer. O ato de brincar propicia o desenvolvimento de competências sócioafetivas que são muito importantes e avaliadas no acompanhamento dos educandos, através de registros dos desenhos, das escritas sobre o que eles acharam das atividades, fazendo uma espécie de memória do que foi vivenciado. As atividades que mais afetam, implicam e interessam os educandos são as que identificam no lúdico essa potência articuladora que ressignifica o aprender, percebendo o alcance, as simbologias e o aprendizado que se extraem das brincadeiras.

6 DA GESTUALIDADE

A expressão mais autêntica de um povo está em suas danças e sua música. Os corpos nunca mentem.

Agnes de Mille

Destituir do espírito o corpo é mesmo que ter uma casa só com colunas, mas sem preenchimento. Em sendo a casa do espírito, o corpo abriga-o da forma que quer, todavia, em termos de conciliar o espírito e o corpo de tal forma que a totalidade emerja para que os dois se unam inteiramente.

Considerando esse amálgama entre corpo e espírito, o itinerário daquele que se abre ao transcendente possibilita uma via de acesso às coisas do homem e às coisas de Deus de maneira a perceber a importância da corporeidade que dá ânima, significado e sentido aos gestos os quais expressam o que a palavra não pode dizer em uma comunicação tanto infável à maneira do espírito como dizível à maneira dos movimentos que conhecidos, ensinados e partilhados, confirmando assim a de preparar o corpo para rezar, experimentar Deus em todas as coisas, a partir da respiração, da postura, do sinal da cruz e da junção das mãos que dizem amém. “O gesto inspira tranquilidade nas pessoas. E une todas as que juntam as mãos em forma de concha”. (GRÜN e REEPEN, 2016, p. 7).

Os gestos possibilitam concentração para participar de quaisquer momentos, inclusive o momento de oração no qual é necessário está em conexão com o próprio corpo. A pessoa que se dispõe a fazer uma experiência com os sentidos, percebe as suas demandas. Dessa forma, a consciência corporal possibilita um acesso ao conhecimento do próprio corpo, levando ao autoconhecimento, considerando com mais atenção as sensações, as emoções, os pensamentos. Portanto, a pessoa encontra-se consigo mesma:

Com o auxílio dos gestos adentramos o plano da experiência com o nosso corpo. Quando isso acontece não conseguimos mais nos refugiar nas reflexões teóricas. É preciso assumir posição. Quando nos envolvemos com o corpo e nos exercitamos com ele, encontramos primeiramente a nós mesmos. Sentimos como estamos (...) É com nosso corpo que expressamos nossa constituição psíquica. Ele é mais honesto que nosso entendimento (...) Talvez pensemos, por exemplo, que nossa fé em Deus é forte, mas o tensionamento dos nossos ombros mostra que ainda estamos nos agarrando a nós (...) temos fé coma cabeça, mas ainda não com o corpo. A fé tem de escorrer da cabeça para dentro do corpo, pois só assim é capaz de tomar conta da pessoa inteira, só então poderemos dizer que também temos fé com o coração, com o centro mais íntimo da nossa pessoa (...) Nosso corpo fala mesmo que a boca esteja em silêncio. (GRÜN e REEPEN, 2016, pp. 8-9)

No que se refere aos encontros com as turmas que são conduzidas à Capela Menino Jesus, os gestos consistem em representar ideias, contextos e situações que se traduzem pelos movimentos de reverência, utilizados para introduzir os educandos ao momento de oração o que implica em fomentar um encontro inicial consigo mesmo. Atribuindo-se sentido aos gestos, os educandos acolhem a proposta apresentada para cada encontro porque são convidados a fazer essa experiência com o próprio corpo, tanto no momento da oração, quanto no momento em que encenam as passagens bíblicas ou quando cantam e dançam.

Exercitar o gesto é um experimento que fazemos conosco mesmo. Experimentamos como nos sentimos ao fazer certos gestos, qual o efeito deles em nós, se servem para alguma coisa ou não (...) durante esse experimento, podemos tentar encontrar dentro de nós palavras que correspondam aos gestos (...) Todo gesto provoca em nós uma memória. (GRÜN e REEPEN, 2016, pp. 16-17)

A gestualidade reitera a ideia de que a oração com o corpo promove uma compreensão mais significativa, palpável e concreta dos temas referidos nos encontros. Os educandos, antes de fazerem o sinal da cruz, convidam com essa frase que se repete em todos os encontros as três pessoas que a gente não pode ver, mas pode sentir: o Pai, o Filho e o Espírito Santo como uma preparação para diferenciar um gesto descontraído do gesto de reverência, ambos realizados em sequência e com intencionalidade, dando a possibilidade de significação textual a uma expressão não verbal.

Apresentam Três dedos que são alusivos à Trindade, depois colocam as duas mãos com todos os dedos entrelaçados sobre os olhos, indicando que falta a visão, um sentido muito importante, mas dispensado para ver Deus invisível, mas para sentir a presença de Deus sensível, daí os educandos tocam em seu próprio braço esquerdo passando a mão direita na mão esquerda até o ombro. Movimentos preparativos para o sinal da cruz, seguindo da posição das mãos para expressar o amém, possibilitando ao educando experimentar o exercício do corpo para exercitar o espírito e potencializar as suas ações a partir da percepção, reflexão e registro do que acontece consigo mesmo e com os demais quando são conduzidos a participar dos encontros, como pessoas que “respiram uma amplitude e liberdade interiores”. (GRÜN e REEPEN, 2016, p. 17).

A espiritualidade inaciana é, neste sentido, tributária da corporeidade, na medida em que conta com atitudes posturais como requisito para preparar, introduzir e conscientizar a pessoa no momento da oração, um encontro com Deus que a acolhe generosamente e a deixa à vontade. Com o corpo preparado, inicia-se o encontro. Como é importante, seguir os passos de oração orientados por Santo Inácio. As práticas desenvolvidas com e para as crianças introduzem a corporeidade como parte integrante e importante no processo do aprender.

7 O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES A PARTIR DO MÉTODO

Procura-se um caminho que devolva à criança sua palavra perdida, levando-a a dizer seus desejos, seus dramas, suas próprias direções, mas os adultos que se empenham nisso devem então aceitar ao mesmo tempo aquilo que o faz homem e aquilo que o desfaz.

C. Misrahi

Tecer algumas considerações sobre o método Amor, Alegria e Arte nas práticas pastorais é remeter a seu processo inicial de concepção, desenvolvimento e aplicação. Neste sentido e considerando a definição, a etimologia e os desdobramentos de um método concebido no âmbito da educação, a proposta em apresentar um fazer pastoral, baseado na afetividade, na ludicidade e na criatividade, fundamenta-se no itinerário catequético no qual o encontro da pastoralista com os educandos prioriza o momento de construção das dinâmicas, considerando as itinerâncias, insurgências e demandas, em que pesem as diretrizes do plano de ação anteriormente concebido com roteiro, temas e estratégias na condução das atividades.

Na sua etimologia, a palavra método apresenta uma composição e uma justaposição muito alusiva à ideia de método a que se propõe esse trabalho da pastoral no 1º e 2º anos do Ensino fundamental e nas turmas de catequese para 1ª Eucaristia. O que se pretende aqui é, portanto, apresentar um método como caminho e meta para conduzir um trajeto com objetivos projetados, mas que contempla o imponderável, o imprevisível e a alteridade. Um instrumento sem o qual não se organizam quaisquer atividades referentes à educação, mas que deve atentar às atualizações, às perspectivas e às transformações da e na sociedade para que o propósito de se chegar a um fim não se esvazie, nem se assoberbe e muito menos se desmanche em si mesmo.

O Método Amor, Alegria e Arte, portanto, pode ser entendido como uma referência, uma possibilidade de rota, uma via de acesso que dialogue com a transversalidade, a interdisciplinaridade e a criticidade para servir como instrumento idiossincrático na formação integral de sujeitos reflexivos, transformadores e protagonistas, conforme as diretrizes do Projeto Educativo Comum. (PEC, 2014, p. 42).

O método refere-se a uma realidade singular, local e pontual em que os questionamentos, a priori, sobre a prática pastoral conduziram a uma construção de um roteiro de ação que firmasse alguns propósitos como fundantes na organização do trabalho, visando a uma forma mais afetiva e efetiva de desenvolver as atividades. Uma proposta que, pautada na ludicidade, sugere e prioriza o encantamento dos educandos, promovendo um momento de

encontro com uma temática mais brincante, dinâmica e articulada com suas demandas e com o seu próprio desenvolvimento nas dimensões cognitivas, afetivas, espirituais.

Essa abordagem metodológica introduz o educando em um lugar de aprendente, integrante e partícipe desse momento de construção do autoconhecimento. Através de uma proposta sinestésica, cenestésica e lúdica que apresenta o transcendente com uma proximidade relacional, afetiva e palpável. Esse aprendizado, à guisa de experimento, possibilita nos educandos uma vivência das narrativas bíblicas, dando voz e vez aos personagens que são apresentados, representados e ressignificados quando estes se apropriam das suas histórias de vida, do seu contexto e da sua relação com o divino. O método amor, alegria e arte agrega práticas advindas de experiências com as próprias crianças, dos exercícios espirituais e de leituras no âmbito de terapias da educação e da experiência como dançarina que ao chegar no colégio para integrar no serviço de pastoral recorri a adaptações do trabalho anterior com crianças na área da dança e artes cênicas.

Recorrente também é o uso dos símbolos para realização das dinâmicas nos encontros de pastoral, a partir das considerações de Eunice Gomes que utiliza o recurso do baú para introduzir, temas, conteúdos, ações em sala de aula. Adaptando para as práticas pastorais, o baú é chamado de baú do tesouro e fomenta na criança uma vontade em descobrir o que está guardado. Recurso que proporciona maior participação das crianças no processo do aprender (GOMES, 2013). Recursos:

- ✓ A contação de histórias a partir do tapete de contação de histórias que apresenta, em quadros ilustrados como ícones, a maioria dos temas desenvolvidos durante os encontros com os alunos;
- ✓ O Baú do tesouro é um recurso atrativo para as crianças, na medida em que desperta a curiosidade, atenção e vontade em descobrir o que está encoberto, guardado, envolvido em mistério. Muito intrigante para alunos de 6 a 8 anos, inicialmente, mas que com o tempo, associam o conteúdo do baú do tesouro às coisas de Deus, conferindo-lhe uma sacralidade, uma magnitude e importância por ser um repositório de objetos identificados como de Deus: a Bíblia para crianças com rimas, um coração de pelúcia, fantoche de um santo, uma túnica...;
- ✓ Os Fantoques de Jesus, Maria, José, Santo Inácio e do Papa despertam alegria, interesse e imaginação dos alunos que aprendem brincando as histórias de promotores da paz, da justiça e do bem. Confeccionados com a aparência dos personagens da

turma da Mônica, criando uma aproximação com o universo infantil que traz a alegria, o despojamento e a brincadeira para o espaço escolar e para vida dos alunos;

- ✓ Beijo de vento é muito esperado quando se finaliza o encontro, uma demonstração de afeto, cordialidade e de atenção;
- ✓ Os Exercícios espirituais para crianças são uma adaptação dos Exercícios espirituais de Santo Inácio. De uma forma bem divertida, os alunos aprendem uma maneira de oração que envolve postura, respiração, imaginação, silêncio, criatividade e aproximação com o Deus que brinca, que sonha, que faz do tempo o seu Kairós;
- ✓ Passos de oração de Inacinho (marcador de texto);
- ✓ Mantras ou cânticos da comunidade Taizé revelam como o transcendente está presente nos refrões cantados e repetidos durante o deslocamento entre a sala e a Capela Menino Jesus. Para cada ida à capela, escolhe-se um mantra que lembra a saudação de Jesus ao desejar a paz, o amor, a ternura;
- ✓ Inacinho e Guapito são dois personagens queridos pelos alunos. Santo Inácio, um fantoche com túnica preta alusiva à primeira indumentária dos jesuítas, apresenta-se como Iñigo, o menino de Azpeitia, ainda criança que prefere ser chamado de Inacinho e que tem um cachorro de pano, Guapito, com as cores do colégio. Desse modo, aprendem sobre a origem basca de Santo Inácio, a mudança de nome, a sua missão e sua relação com o colégio. Aproxima o aluno de um tempo que remonta ao início do século XIV;
- ✓ Bíblia com rimas estimula a leitura imagética e a leitura de letra cursiva, desafio para os que se iniciam no ciclo de alfabetização;
- ✓ Encenações estimulam a criatividade, a expressividade e o envolvimento com a história e o protagonismo. Constitui-se um momento muito concorrido, esperado e querido pelos alunos que se alegram em receber outro nome, outra veste, outra fala como personagem das narrativas contidas na Bíblia com rimas, das histórias criadas para subsidiar, completar e envolver todos os alunos nesse processo de construção de saberes de forma cênica, interativa e divertida;
- ✓ Músicas são criadas para envolver os alunos e apresentar os temas e estimular outras competências e habilidades que servirão para ajudar desenvolvimento dos alunos:

- ✓ O quarto convidado é um experimento com acolhimento mais efetivo que complementa os encontros quinzenais ocorridos com as turmas do 2ºano EF. Em todos os encontros, a Santíssima Trindade é, inicialmente, convidada a participar com as turmas, sendo enfatizado que o Pai é Deus o criador de tudo; Jesus, seu filho é o nosso Salvador e o Espírito santo é Amor dos dois por todos nós e o nosso protetor.

Apresento dessa forma: Vou convidar três pessoas que a gente não pode ver, mas pode sentir – O Pai, criador do céu e da terra, o Filho, salvador da humanidade e o Espírito Santo de Amor que foi enviado para nos proteger porque quando Jesus foi morar com Deus, Ele disse que não deixaria a turma _____ desamparada, desprotegida... Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Dessa forma, a introdução do quarto convidado, na sala de aula, durante a aula inicial com as professoras regentes, seria uma estratégia para conhecer mais as turmas no sentido de também otimizar o tempo de encontros, utilizando de 5 minutos da aula inicial para fazer uma intervenção com um momento de oração com uma breve conversa sobre as atitudes adequadas que devemos tomar para melhor acolher, interagir, convidando Maria, Santo Inácio, O Papa Francisco... (quarto convidado). Contudo, a ideia inicial teve um outro desdobramento e, por isso, passou a fazer parte de um momento de parceria entre o Serviço de Orientação Educacional (SOE) e o Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral (SORPA), confirmando a importância da Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral (SORPA), confirmando a importância da interdisciplinaridade e do trabalho em conjunto.

- ✓ Mudras católicas são muito apreciados pelos alunos, uma vez que despertam a curiosidade em se apropriar dos gestos com as mãos e do seu significado, a exemplo das mãos juntas para o Amém e da disposição dos dedos de Jesus criança com São José, uma imagem da Capela que mostra a bênção do filho unigênito de Deus e adotivo de José.

As orações, seus simbolismos, suas intenções e suas implicações de fé e de pertença. A oração do Pai Nosso, apresentando o Deus da inclusão, do acolhimento e da paz; Ave Maria, destacando os três momentos: a saudação do Anjo da Anunciação e o recado de Deus, a saudação e reverência de Isabel e a reverência e o pedido da humanidade; Santo Anjo do Senhor em forma de Rap, a oração da Criança e a oração de Santo Inácio com a melodia que seguirá os alunos até a conclusão do Ensino Médio, criando uma identificação com o fundador da Companhia de Jesus.

Neste sentido, os encontros com esse tipo de prática estimulam uma vontade nos educandos com um interesse em participar das atividades, na medida em que se sentem protagonistas do processo de construção do seu saber ao interagir no encontro de forma acolhedora, revelando um encantamento porque o conhecimento se transforma em possibilidade de formação do ser. Dessa maneira, o encontro acontece com as atividades lúdicas, em que músicas e rimas são criadas, mantras são cantados, muitas encenações são apresentadas, figurinos são experimentados, a escuta, a disposição e a participação são estimuladas e os valores revistos, compreendidos e questionados, na medida em os educandos também se sentem à vontade para se expressar, opinar e apresentar sua visão de mundo com uma imaginação, um colorido e artifícios característicos da e correspondentes à faixa etária dos 6 aos 10 anos.

Então, o encontro se inicia com a chegada da pastoralista na sala de aula com uma mochila bem colorida, um sorriso no rosto e um pedido a fazer: se for no 1º ano EF com encontros mensais, o pedido é para que quando as crianças virem a Pró Núbia chegar na sala e pelo visor da porta olhar para todos e depois bater à porta com três batidas, eles poderão responder: Pode entrar! (Combinado quase aceito por todos; alguns preferem surpreender, escondendo-se, ficando atrás da porta ou reagindo de outra forma). Entrando na sala, cumprimento todos com um bom dia, apresento a música da vez, um mantra que tem relação com o tema, peço para ser formada a fila e com a professora de Ensino religioso, vamos em direção à Capela rever Menino Jesus, passando pelo Parque ou pela Biblioteca caso esteja chovendo. Muitos cantam, outros não! A maioria demonstra vontade, curiosidade e euforia quando é dia de Capela! (Como falam!).

Os encontros com o 2º ano são quinzenais, as turmas são divididas em dois grupos conhecidos por 1ª e 2ª metade. O pedido é que silenciem para que os que forem chamados formem a fila para sair da sala em direção à capela. Saúda-se à Trindade, as professoras de Ensino Religioso podem participar do momento com uma acolhida, uma música. Depois com um mantra descemos a rampa, onde uma parada se faz necessária para perceber o eco que se faz quando todos cantam! Eles aproveitam o momento para cantar, conversar, dançar.

Quando, chegam na capela, esperam o sino ser tocado! Os atentos, colocam as mãos aos ouvidos, os que estão com atenção em outro lugar assustam-se com o sino, mas com o aviso dado, participam do momento porque ouvem o aviso inicial: Quando o sino toca é sinal que algo especial vai acontecer na Capela. Peço para lerem o painel. Alguns leem Capela menino Jesus, outros não leem porque ainda estão em outro processo de apropriação da escrita e alguns com TEA (Transtorno do Espectro Autista), Transtorno de Oposição e outros acompanhados das estagiárias de pedagogia, a depender da situação, interagem, sentem-se do seu jeito

acolhidos, convidados, implicados nos encontros. Geralmente, são envolvidos pela música mântica, repetitiva, monocórdica e com uma melodia serena.

No grupo de Catequese, as atividades são realizadas em sala de aula. Em cada encontro, o grupo é convidado para participar da composição e contemplação do ambiente com arrumação da sala, disposição das cadeiras e preparação do painel, indicação das músicas, dos vídeos de acordo com os temas. Os encontros são semanais e têm duração de 1h e 30min.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é o planejamento que atrapalha o desejo no currículo. Há que planejar aulas, e muito bem planejadas. O que não se pode, é deixar-se aprisionar pelo planejado.

Marlucy Paraíso

Ao longo deste texto, busquei apresentar o método Amor, alegria e arte, aproximando o leitor da minha experiência diária como pastoralista das séries iniciais do Ensino Fundamental e da formação catequética para 1ª Eucaristia. Para isso, descrevi o método pedagógico de ação pastoral que orienta as atividades desenvolvidas no Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral do Colégio Antônio Vieira.

Muitas mudanças aconteceram, a começar pelo formato da proposta que tomou outra dimensão desde o meu ingresso no Curso de Especialização em Educação Jesuítica. Foi necessário retomar o esboço inicial e fundamentar com aporte teórico e metodológico. Um desafio muito intenso para uma pessoa da área da dança. Tive que voltar ao passado e recordar minhas idas e vindas acadêmicas na área das humanidades. Concluí que tudo que fiz, faço e farei, parafraseando Santo Inácio de Loyola só terá sentido se for disponibilizado para outras pessoas. Portanto, da minha mochila existencial como reporta o prof. Doutor José Teixeira Neto, em sua tese, ofereço o meu devir, o a minha vontade e minha tendência em transformar tudo o que aprendi em arte para melhor ressignificar as minhas práticas. (TEIXEIRA NETO, 2014, p. 28).

Dessa forma e pensando assim, só posso e devo tecer as considerações finais do meu trabalho de conclusão de curso de forma a me dar voz como sujeito pensante, crítico e reflexivo, protagonista do meu itinerário com idas e vindas nas teias do querer mais sonhar, saborear e sentir educação para, como diz Santo Inácio, “em tudo amar e servir”.

Apresento minha conclusão em forma de contemplação solicitada por uma professora muito especial do curso de especialização em educação jesuítica. Ela nos pediu para elaborar um plano de ação pedagógica a partir de narrativas ficcionais, remetendo às memórias, às experiências e às situações concretas na escola. Como desenvolvo as atividades pastorais, dialogando com atividades pedagógicas, compartilhando temas, tempo e espaço, criei essa narrativa para enredar o meu fazer pedagógico com ênfase na dimensão espiritual:

Um convite, um recado e um sim!

Recebi um convite e um recado de Emanuel. Na verdade, o convite era do próprio e o recado era em nome do Pai dele, um senhor muito distinto, simpático e espirituoso que gostava

de uma brincadeira! Daquela que envolvia a todos com muito amor, alegria e arte. Ah! Já estava me esquecendo da terceira pessoa dessa encantadora família de gestores de sonhos. Voltando ao assunto relativo ao convite e ao recado, recordei de como foi a entrega: Uma tarde de um domingo incomum quando recebi um pergaminho e fiquei curiosa a respeito do seu conteúdo, rapidamente o desenrolei e li o seguinte:

arap otnemajenalp mu oticiloS
sederap mes ortnocne mu
amu é odúetnoc ojuc
.oãçaro

No princípio, não entendi, mas quando tentei outra vez, achei que deveria fazer uma outra leitura e assim o fiz. Li da direita para esquerda; descobri o que estava escrito e me surpreendi com tamanha responsabilidade que teria, caso aceitasse o convite. A terceira pessoa foi muito delicada ao esperar a minha resposta, porém não se conteve, agindo sutilmente, parecendo uma brisa de uma tarde de céu totalmente azul. Apelidei essa pessoa de Inspiração. Sentia que a sua presença era plena de serenidade. Contou-me que adorava sonhar projetos, contemplar gentes e ambientes e que gostaria que eu preparasse esse planejamento para apresentar à comunidade da qual fazia parte, chamada Comunidade “Quem anda sempre no amor não cansa nem se cansa”.

Chegaram mais dois pergaminhos: um explicava melhor o que queriam, sugerindo até o título para a atividade. Achei desafiadora a proposta, mas fui percebendo aos poucos que poderia dar certo. A ideia era chamar a atividade de Amor, alegria e arte, criando uma linda amizade com o Deus que brinca. O último pergaminho era um recado que dizia: estarei contigo todos os dias da minha e da sua vida. Por isso, acrescentei meu itinerário como subtítulo dessa missão: idas e vindas do fazer pedagógico nas práticas pastorais.

Inspiração simplesmente voltou a soprar e suspirou no meu ouvido esquerdo (o que ouço melhor): “We dance”. Então, lembrei-me do vídeo homônimo que me inspira muito porque traduz vontade, compromisso, resiliência, motivos pelos quais estamos aqui nesse lugar ou melhor nesse outro lugar chamado escola. Quando me pediram para planejar uma oração, pensei em várias ações, mas a que ficou na minha cabeça e no meu coração foi a que fluiu pelo corpo inteiro. O planejamento seria chamado de Agapito, que vem de ágape, amor incondicional de Deus por todos nós com uma terminação no diminutivo para dar uma ideia de muito carinho. Uma oração para o 1º ano EF deveria ser bem lúdica, colorida e criativa com acolhimento, tema, estratégias, sugestão das competências e habilidades, músicas, leitura da Bíblia com rimas para

crianças, fantoches, cartazes com letra bastão e letra cursiva e com o que ocorrer. Porque as crianças sempre têm algo muito importante a acrescentar.

No final, conversava com Agapito, fazendo alguns gestos alusivos à linguagem dos sinais, cantando: toda a quarta-feira às 7h30/13h30, a gente tem um encontro com Jesus. Música criada por meu colega de missão, Rafael Nascimento. Costumamos compor alguns trechos breves para introduzir o momento de oração. Agapito se contentou e entendeu que a participação efetiva e afetiva dos 3 (Inspiração, Emanuel e Aquele que é) é de muita relevância para que a atividade apresente vários planos, inclusive o plano D que apresenta um objetivo muito caro para a comunidade que é ser responsável por aqueles que afetamos com criatividade, solicitude e despojamento. Lembrando também da esperança, da fé e da caridade.

Os envolvidos com Agapito também participaram de momentos da oração, transformando Agapito em uma partitura de um encontro com andamentos cheios de amor, alegria e arte. Do adágio ao alegre, do concebido ao executável, do esperado ao inusitado, o itinerário que Agapito desenha é com um colorido que só as crianças criam ao pintar a vida porque é da boca das crianças que sai o perfeito louvor!

Essa proposta vem sendo ressignificada a cada ano, estendendo-se a outras séries. Fazendo uma alusão àqueles que iniciam o processo de alfabetização e para quem as letras são um mistério. A frase que está apresentada de modo, a priori, ilegível é: Solicito um planejamento para um encontro sem paredes cujo conteúdo é uma oração. Faço uma alusão ao idealizador da Escola da ponte José Pacheco, às leituras dos povos orientais que seguem da direita para esquerda e à prática específica de um(a) pastoralista.

O método amor, alegria e arte é, portanto, uma prática pastoral de cunho pedagógico que entende, acolhe a proposta do novo desenho curricular, configurado a partir das inovações, do diálogo com a contemporaneidade, com a multirreferencialidade e com o projeto político pedagógico do Colégio Antônio Vieira. Uma proposta que considera muito importante para a formação dos educandos o desenvolvimento de competências e de habilidades como sujeitos críticos, reflexivos, transformadores, construtores de uma sociedade mais justa, fraterna e inclusiva.

Apresento, também, nesse momento de finalizar o trabalho de conclusão de curso, uma inquietação sobre a possibilidade de o alargamento do pensamento ser comparado a um tipo de ecletismo, remetido à ideia de que muitas inferências de autores diversos tendem a um caminho de mesclas aparentemente evasivo. Todavia, vejo com bons olhos um ecletismo salutar que viabiliza uma leitura múltipla, transversal e cheia de desdobramentos para conceber teorias e práticas, derivadas de uma nova maneira de revisitar os pensadores que estudam, definem e compreendem o lugar do sujeito na contemporaneidade. Penso que meu caminho é bem

eclético, no sentido de me permitir reunir pensadores que, a priori, não têm relação, mas que, partindo de uma multirreferencialidade, vejo nas minhas práticas um pouco de todos eles: Malinowski com seu diário de campo e observação participante, Bourdieu com seu campo simbólico e noção de *habitus*, Goffman com “A representação do eu na vida cotidiana”, Chiquinha Gonzaga com “Ó Abre Alas”, Célia Cruz com a sua bela voz cantando uma Cuba livre, Niña Pastori e Rojas, cantando “Llorándole debajo del agua”, Joaquín Rodrigo com seu Concerto de Aranjuez, Yung com seus símbolos e sonhos, Inácio de Loyola, vendo Deus em todas as coisas, Francisco de Assis, chamando todos de irmão e irmã, Akira Kurosawa com sua genialidade em dar movimento e vida à tela de Van Gogh, Edgar Degas com as suas bailarinas, Hobsbawm ao ver o outro e suas idiossincrasias, Marcel Mauss, no seu ensaio sobre o dom, a dádiva, Foucault com uma noção de poder, percebendo uma arquitetura espacial de aprisionamento de corpos e pensamentos e Bernardo Bernardi com sua ênfase para a cultura. Pina Baush e Ila Vita, ambas com formação em dança, dançarinas e coreógrafas que apresentaram uma proposta de dançarino(a) intérprete para elaborar, ensinar e executar movimentos dançantes, oriundos de suas histórias de vida. Em que pese sua formação técnica ou acadêmica. Essas duas formadoras de artistas, ocupavam-se com os afetos, com a interatividade e com as pessoas. Uma mescla que contribuiu na minha formação como pessoa e que estão na subjacência do meu ser ontológico, por isso citados agora, todavia com toda aquela reverência dada aos autores referidos na fundamentação teórico- metodológica do trabalho. Portanto, agrego esses pensadores e percebo que muito do que faço tem um pouco do que eles disseram, pintaram, desenharam, cantaram e compuseram. Daí entendo porque o meu fazer pastoral revela um itinerário voltado para o amor, a alegria e a arte e demanda uma fundamentação em pensadores tão diferentes, mas tão parecidos na medida em que todos se aproximam quando o tema é o ser humano em relação, em diálogo, em construção. Todas essas referências fazem parte da minha experiência como pessoa que sempre buscou entender um pouco de mim, dos outros, das coisas e de Deus. Então, ainda citaria Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida não basta”, cantando um cântico da Comunidade Taizé: “Dá paz ao coração”, dizendo um Olé (uma expressão que significa por Deus!).

Para concluir, penso no local onde desenvolvo uma das atividades com as crianças do 1º ano e 2º ano: A Capela Menino Jesus onde há verdadeiras obras de arte: um painel do Belo Pastor, a Cruz, o Sacrário e quadro de Nossa Senhora da Apresentação que, carinhosamente, chamamos de Nossa Senhora da Ternura, do artista Sérgio Ricciuto Comte no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, na Bahia e Baía de Todos os Santos. Lugar muito especial onde os educandos aprendem a conhecer; aprendem a fazer; aprendem a viver com os outros e aprendem

a ser competentes, compassivos, conscientes e compreensivos de uma maneira cênica, lúdica e orante com muito amor, alegria e arte. Pensei, também, no que foi dito por professora Milmar Haun, amiga, colega da pós, colaboradora e coautora de todos os trabalhos de grupo, sobre o rumo que o professor toma quando se compromete com o que faz, ama o que faz e que se encanta com as crianças. Então, lembrei-me de um comentário que Rubem Alves fez em seu livro *A grande arte de ser feliz*: “Eu também louvo do jeito como sei e posso”. Se fosse remetido ao universo infantil certamente veríamos crianças no maior louvor, brincando de correr, cantar e imitar. Daí vem outra lembrança muito reveladora que Milmar apresentou quando diz que tudo começou com a palavra, lembrando o Evangelho de João: “No princípio era a palavra...” O que deixa o ser criança mais próximo dos sonhos de Deus.

O educador tem que aprender com os seus educandos que, com sua corporeidade, mostram uma maior flexibilidade, disposição e espontaneidade. Portanto, o educador infantil, de modo particular, percebendo o que está a sua volta, pode saborear o belo que está nas asas das borboletas, no sorriso banguela das crianças, na vontade desmedida de contar uma história. Isso é um eco do nosso itinerário que se depara cada vez mais com o inusitado, imponderável e com situações diferentes, fazendo com que também cada vez mais deixemo-nos surpreender pelas coisas de Deus e dos homens, como diz o Papa Francisco. O elemento surpresa está muito presente agora. Vemos crianças digitais que querem respostas mais rápidas, convincentes e compreensíveis. Então, para nós, é importante saber entender esse aluno, essa aluna que tem voz e quer vez no processo do aprender de forma ativa, mostrando isso e de maneira bem notória a sua presença, participação e expectativas. Vemos um corpo que fala, sente, pensa; que não suporta por muito tempo ficar sentado em uma cadeirinha e ouvindo o que a “pró” ou o profe fala, ensina, combina. Agora combinamos, não exigimos! E isso é muito bom! Docilização e disciplinamento dos corpos não fazem parte do repertório das nossas crianças. Situação que me fez lembrar da ideia de Ana Roy sobre corporeidade, considerada numa perspectiva relacional, social, dialógica. Penso que estamos envolvidos inteiramente nesse processo de (re) descobrir, (re)conhecer e interagir. Nas pegadas de Inácio, sinto que podemos exercitar diariamente essa vontade de ser mais, começando por respirar suavemente depois profundamente, perceber como está nossa postura, pedir a Deus um presente, agradecer a Ele pelo dom da vida, ler, estudar, refletir, revisar e depois brincar para a maior glória de Deus! Assim, faremos bom proveito da nossa corporeidade e seremos mais, *magis*, felizes, bem criativos! Isso tudo se resume em fazer tudo com muito amor, alegria e arte.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Roberto. **O cansaço dos bons** – a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. 2 ed. São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2013.

ALVES, Rubem. **A grande arte de ser feliz**. 1 ed. São Paulo: Ed. Planeta, 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Um caminho pela arte** – exercícios espirituais na vida cotidiana. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Ed. Paulus, 2014.

CARACTERÍSTICAS da educação da Companhia de Jesus. 4 ed, São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CARTA Encíclica Laudato Si – Sobre o Cuidado da Casa Comum. 1 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2015.

COMUNIDADE Taizé de Alagoinhas. **50 anos da presença dos irmãos de Taizé** – caminhos percorridos e a percorrer. Alagoinhas, BA: 2017.

CUSTÓDIO FILHO, Spencer. **Exercícios na vida cotidiana**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1 ed. São Paulo: Ed. Paralela, 2017.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Malinowski** – Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

FIRMAN, John; GILA, Ana. **Psicoterapia do amor** – a psicossíntese na prática. Trad. Marta Rosas. São Paulo: Ed. Cultrix, 2016.

FITÓ, Anna Sans. **Por que é tão difícil aprender?** O que são e como lidar com os transtornos de aprendizagem. Trad. Maria Luisa Garcia Prada. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*** (Sobre o amor na família). São Paulo: Ed. Paulus, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** (Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual). São Paulo: Ed. Paulinas, 2013.

PATRÍCIO, Frei. **Espiritualidade do avental**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2013.

GRÜN, Anselm; BOFF, Leonardo. **O divino em nós**. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. Trad. Pe. Hebert de Gier e Carlos Almeida Pereira. 13 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

GRÜN, Anselm; REEPEN, Michael. **Rezar com o corpo** – o poder curativo dos gestos. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2016.

HANH, Thich Nhat. **Silêncio** – o poder da quietude num mundo barulhento. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida et al. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

LAGACHE, Sylvie. **Respirando a vida** – iniciação para um trabalho corporal. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** – danças, piruetas e mascaradas. 6 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LIMA, Tamires. **Fabrincando**. Lauro de Freitas: Ed. Solisluna, 2015.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para Educação Infantil**. 4 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PASQUALI, Lanussi et al. **A arte contemporânea e o pensamento da diferença**. Bahia: Ed. Blade, 2013.

PEC, **PROJETO EDUCATIVO COMUM** – que nova vida é esta que agora começamos? Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2016.

PINTOS, Cláudio García. **A logoterapia aplicada ao dia a dia**. São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2017.

PPP, **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA**. Salvador, 2015.

ROY, Ana. **Tu me deste um corpo**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2000.

TEIXEIRA NETO, José. **Mochilas existenciais e insurgências curriculares: Etnocurrículos instituindo interações em cenários das pedagogias culturais do tempo presente**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador, 2014.

TOULMIN, Sarah. **Bíblia para crianças com rimas**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.

APÊNDICE 1 – Exemplos de exercícios pastorais do SORPA


Colégio Antônio Vieira

Rede Jesuíta de Educação

Aluno(a): Felipe Nº: 6
 Ano: 1º Turma: 2 Turno: Vespertino Unidade: 1 Data: 11/05/21
 Professores(as): Aline **VIEIRINHA**

FORMAÇÃO SOE E SORPA



<http://milmaneiraspedagogia.blogspot.com>

**OLHEI PRA VOCÊ E VI,
 VOCÊ REFLETINDO O PAI.**

**OLHEI PRA VOCÊ E VI,
 VOCÊ REFLETINDO O PAI.**

**VOCÊ É A CARA DO PAI,
 VOCÊ É UM AMORZINHO.**

**VOCÊ É A CARA DA MÃE,
 VOCÊ É UMA GRACINHA!**



Querida família,
 Esta atividade integra a proposta de formação do Plano de Desenvolvimento desenvolvido pelo SOE e pelo SORPA em parceria com a equipe pedagógica em um momento de oração e agradecimento, no qual vocês valorizam a criança e reconhecem o lugar especial no lar a qual pertence.
 Que essa vivência seja muito especial para toda a sua família!

Abraços carinhosos,
 Profa. Aline (SOE) e

REGISTRO:

A vivência foi muito importante para a nossa família. Descobrimos que precisamos de alguns minutos somente no dia para Felipe. O quanto que é importante dizermos coisas bonitas e positivas para ele? Fazem com que ele se sinta amado como ele é? Explicamos que para Jesus, cada um de nós da nossa família tem sua importância e que apesar de sermos diferentes, estamos neste mundo para nos ajudarmos e sermos melhores. Felipe ficou muito feliz e orgulhoso de si mesmo! Ele é um criança linda e especial!

Colégio Antônio Vieira

1º Encontro – Tema: Comunidade - 20a Semana

Data: 14 / 03 / 18.

A parte que eu mais gostei foi quando Jesus nasceu e muito importante.



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE 2 – Fotografias de atividades lúdicas com alunos.







Fonte: Acervo da autora.